



Revista Científica do Instituto de Ensino Superior de Itapira

## COMPROMETIMENTO AFETIVO E FUNÇÃO POLÍTICA DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO

*AFFECTIVE COMMITMENT AND POLICY FUNCTION OF THE  
PROFESSIONAL EDUCATION*

**Roberto Batista de Souza<sup>1</sup>**

*1- Docente do Instituto de Ensino Superior de Itapira*

Contato: [geoprofessor.roberto@gmail.com](mailto:geoprofessor.roberto@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo prima elucidar pontos relevantes sobre as carências e demandas do processo de formação educacional, bem como as possibilidades de desenvolvimento das práticas didático-pedagógicas enfocadas para metodologias dinâmicas com ensino integrado a realidade social das disciplinas e temas ministrados no ensino fundamental e médio no Brasil, de forma a potencializar o comprometimento e a capacitação por meio de formação contínua do docente que preze o ensino como articulação formadora e, sobretudo, transformadora de opiniões, princípios, atuações e práticas sociais, bem como reelaboradora de realidades no micro e no macro ambiente escolar, cujas ações e aprendizados serão conseqüentemente exportados para a realidade social e profissional do educando. As proposições a serem discutidas estão concatenadas com propostas de autores de referência como o educador Paulo Freire, o psicólogo francês Henri Wallon e a professora Ana Maria Lakomy, que contribuíram em muito para a compreensão da expansão intelectual e afetiva do infante e suas relações psíquicas e sociais com novas estruturas de aprendizagem, postulando práticas afetivo-psicológicas e dinâmico-pedagógicas de abordagem. Também conta com as análises de Joana Romanowski que preconiza em seu pensamento a ação ativa, reflexiva e politizada do professor em sala de aula, e de Daniel Goleman, empreendedor estadunidense e Ph.D. em Psicologia, com suas teorias da inteligência emocional e da empatia como ferramenta de excelência para a construção de relacionamentos. As conclusões e reflexões temáticas contidas no presente trabalho são referência para atendimento de necessidades por vezes negligenciadas no decorrer da história da educação brasileira até a realidade presente.

**Descritores:** educação; política; inteligência emocional; empatia; autonomia.

**ABSTRACT**

This article press elucidate relevant points about the needs and demands of the educational training process as well as the potential development of didactic and pedagogical practices focused for the methodology, integrated teaching with social reality of taught disciplines and subjects in primary and secondary education in Brazil, in order to enhance the commitment and empowerment through continuous teacher training that self-respecting teaching as forming joint and above all transforming the beliefs, principles, performances and social practices and realities of reelaboration in micro and macro school environment, whose actions and learning will consequently be exported to the social and professional reality of the student. The proposals to be discussed are concatenated with proposals of major authors as the educator Paulo Freire, the French psychologist Henri Wallon and professor Ana Maria Lakomy, who contributed greatly to the understanding of intellectual and emotional growth of the infant and his psychic relations and social with new learning structures, postulating emotional-psychological and pedagogical practices and dynamic teaching. Also includes the analysis of Joana Romanowski, which advocates in their thinking active action, reflective and politicized the teacher in the classroom and Daniel Goleman, American entrepreneur and Ph.D. in psychology, with its theories of emotional intelligence and empathy as excellent tool for building relationships. The conclusions and thematic reflections contained in this paper are references to meeting the needs sometimes neglected during the history of brazilian education up to this reality.

**Keywords:** education; policy; emotional intelligence; empathy; autonomy.

Artigo recebido em 01/03/2016; aprovado em 01/07/2016.

CONSCIESI - Revista Científica do Instituto de Ensino Superior de Itapira – IESI

[www.consciesi.com.br](http://www.consciesi.com.br) / [www.iesi.edu.br](http://www.iesi.edu.br)



## INTRODUÇÃO

Das mais relevantes discussões e reflexões da atualidade estão as que versam sobre o sistema educacional brasileiro e sua relativa carência e falta de atuação e comprometimento para com a educação formal, tanto por parte das autoridades educacionais constituídas, quanto pelas estruturas executivas e legislativas, assim como as instituições gestoras e/ou intermediadoras administrativas da educação, mencionando também os desafios e as possibilidades de melhorias dos próprios profissionais da educação sob um prisma holístico e contextualizado, ainda que não seja atribuição do docente a resolução total e completa de todos os problemas sociais e educacionais dos alunos – por óbvia impossibilidade e incoerência – é necessário que a institucionalidade política, burocrática e educacional brasileira atue e participe intensamente no processo de mudanças e desenvolvimentos, ofertando, facilitando, estimulando e até exigindo melhores competências e a formação contínua e eficaz do profissional da educação para que ele atue minimamente para dirimir – e não resolver sozinho –, os desafios educacionais que serão aqui debatidos, conforme aponta Perrenoud (2000) sobre os dilemas éticos do professor:

Parece cada vez menos razoável negar a dimensão educativa do trabalho docente, mas seria tão absurdo quanto injusto esperar dos professores virtudes educativas infinitamente maiores do que as da sociedade que lhes confere a incumbência de ensinar. Ainda que eles fossem exemplares não poderiam mascarar o estado do mundo. (PERRENOUD, 2000, p.141).

Porém, como o objetivo primal deste artigo é elucidar e articular alguns pontos de relevância para a atuação do docente no desenvolvimento de práticas pedagógicas em sala de aula – especialmente com a ação efetiva de dinâmicas ligadas a conteúdos que versem sobre a politização e a motivação para o aluno –, buscou-se como metodologia, a análise com base na verificação das referidas discussões de

autores de referência nas áreas da educação, pedagogia e psicologia.

Foi elencado para análise de revisão bibliográfica o educador Paulo Freire, através de sua leitura de mundo e de educação e seu senso aguçado sobre o ensino para a libertação e a autonomia intelectual, profissional e afetiva; também o psicólogo francês Henri Wallon, que por meio da psicologia pedagógica contribuiu intensamente para a compreensão do desenvolvimento intelectual e emocional do infante e suas relações com as estruturas de aprendizagem, de forma a introduzir os educadores em práticas psicopedagógicas e dinâmico-metodológicas ao lidar com sua clientela escolar.

Outra referência de impacto neste estudo trata da obra e proposições oriundas das teorias de Ana Maria Lakomy, que explicita a praticidade da utilização da psicopedagogia em sala de aula; e por fim, o doutor em psicologia Daniel Goleman, pensador, autor e empreendedor estadunidense, cujas teorias se pautam nas possibilidades da utilização da inteligência emocional como fator de diferenciação na capacidade de relacionamentos do indivíduo, com consequências pedagógicas, acadêmicas e profissionais de caráter intenso e positivo na formação do líder, e, neste recorte, do protagonista “professor”, ator social e atuante na liderança dos processos educacionais formais no Brasil.

É preciso dar ênfase ao não reconhecimento sobre as imprescindíveis funções, para a consolidação da sociedade, das disciplinas ministradas nos ensinamentos fundamental e médio – especialmente as de cunho teórico e reflexivo – que tornam-se objetos de polêmica devido a seu caráter tradicional e decorativo historicamente perpetrado no Brasil, o que, unido a problemática atual e caótica no quesito de comportamento, presenteísmo e falta de interesse do aluno, leva à necessidade de um contínuo dinamismo do docente ao ministrar, e aí a pertinência da relação afetiva, íntegra,

agradável e até mesmo burlesca para com o aluno.

Tal situação reflete uma miríade de problemas relacionados, principalmente, com a estrutura socioeconômica do país – guardadas as particularidades das diversas regiões –, que influem direta e indiretamente na qualidade do ensino educacional nas escolas públicas e, em menor instância, nas escolas privadas que, a despeito de sua importância, não será palco de análise do presente artigo, por questão de espaço e recortes. As metas e objetivos das análises aqui contidas são a possibilidade de discussão para se articular formas inovadoras de conciliação entre professor-aluno em sua relação dialógica de observação de comportamentos padrão, ensinando e dando exemplos ao fazê-lo.

Não posso ser professor sem me por diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar a apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo (FREIRE, 2002, p.108).

E, sobre a metodologia de ensino perpetrada nas disciplinas do ensino fundamental e médio, a busca do foco no comprometimento do professor e práticas psicopedagógicas engajadas, ensejando a qualificação para ministrar aulas impactantes que valorizem um saber técnico de qualidade para o crescimento da profissionalidade e independência econômica do aluno, com vistas ao desenvolvimento geral do país; mas, sobretudo, a maneira como se dará tal instrução ao discente por meio de seu estímulo cognoscitivo e afetivo em busca do estímulo a autonomia e real interiorização do saber:

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio, e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos cansam, não dormem.

Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 2002, p.96).

O professor comprometido deve saber estruturar e identificar as necessidades intelectuais e psicológicas dos alunos com proficiência, mas precisa primeiramente, compreender suas próprias limitações e a necessidade de uma contínua autoformação intelectual, técnica, espiritual, psicológica e humanística, que deve ser trabalhada inicialmente por meio de análises introspectivas a fim de que suas capacidades cognitivas e sensitivas não permaneçam em uma zona de conforto, mas se aprimorem para o bem comum e a exteriorização de práticas fecundas no campo do ensino-aprendizagem. Inserido em tais elucubrações, o professor deve refletir sobre seu papel, como verdadeiro profissional da educação, conforme este artigo procura argumentar, por meio da análise de vertentes didáticas, teórico-metodológicas e politizadoras sobre o papel do educador nesse panorama.

As discussões sobre “A função política do educador” tem por objetivos questionar e orientar o papel do professor de ensino fundamental, médio e, conseqüentemente, superior, nas realidades desafiadoras apresentadas na educação brasileira na atualidade, em meio às intrincadas contradições e complexidades políticas, jurídicas, socioeconômicas, psicológicas e culturais por que passa esta sociedade.

O papel e a função do educador devem, portanto, ser políticos e participativos em meio às aulas e em quaisquer ambientes onde haja encontros entre professor e aluno por meio de análise de comportamentos, isto é, é preciso que a própria vida e atuação do cotidiano do educador sejam exemplos do que ele ensina.

Nas observações sobre o “Comprometimento afetivo do docente” é problematizada por sua vez a pertinência da psicopedagogia como ponto nevrálgico para o ensino, de forma a orientar um relacionamento

mais aproximado entre professor e aluno, bem como o conhecimento interpessoal de ambos, em seu ambiente escolar e, sua ligação com o ensino abrangente e profícuo, pautado nas reais necessidades sócio afetivas da clientela escolar.

No capítulo “Estímulos do conhecimento e autonomia para a educação”, faz-se um exame sobre a imprescindível necessidade das ciências humanas como ferramenta indispensável ao ensino e a formação do educando, com conseqüente aprimoramento da sociedade brasileira, uma vez que abordam a civilidade, a ética, a moral, o respeito cultural a diversidade e o estímulo a criação do novo nos campos do saber e do viver.

Por fim, as reflexões das teorias de Daniel Goleman sobre inteligência emocional oferecem sentido diferenciado para uma junção e reelaboração das teorias anteriores para a análise e apreciação dos reais benefícios da valorização dos aspectos psicológicos, afetivos e pedagógicos do saber do educando, que abrem portas de possibilidades do desenvolvimento do ser, do aprender e do saber, como fundamentos de excelência para a concatenação da formação do educando com o conhecimento profundo de seu próprio eu, dos micro e macro ambientes educacionais e sociais e das possibilidades de sua inserção efetiva, eficaz e idônea na sociedade contemporânea.

## **FUNÇÃO POLÍTICA DO EDUCADOR**

De início é preciso destacar que o conceito de política é múltiplo e riquíssimo em sua amplitude de compreensões, e a função politizada aqui preconizada é uma referência a política como sinônima de poder intelectual, possibilidade de atuação, participação efetiva nos mecanismos sociais, relacionamento dinâmico com pessoas e estruturas, socialização do conhecimento e contextualização do ser professor, do ser aluno e do fenômeno do ensino-aprendizagem. O

objetivo de conceitualizar a política neste cenário é apontá-la como a arte do relacionamento e do poder e possibilidades de decisões coletivas, nem sempre e necessariamente ligadas a enfoques partidários ou similares.

O primeiro passo para se sorver do pensamento complexo, político e revigorante sobre o desenvolvimento do saber, é a admissão do não saber, ou seja, a desejável humildade afetiva e intelectual para a busca da interiorização das proposições de aprimoramento e formação pessoal aqui cotejadas e deslindadas, com vistas ao sucesso do aluno, da Educação, da sociedade e do Brasil. Relevantemente o autor Paulo Freire (2002) aponta de forma clara o conceito de politização e alargamento da humildade intelectual para o desenvolvimento real do saber epistemológico e contextualizado, e não um crescimento jactante e imaginário no ser professor:

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem ‘tratar’ sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a **consciência de sua inconclusão** (grifo meu) é que gerou sua educabilidade (FREIRE, 2002, p.64).

Com tais prerrogativas de autonomia intelectual e emocional, ampliando a capacidade de introspecção e ação engajada no interlocutor destas análises, pode-se então ingressar na verificação da situação emblemática em que se encontra o sistema educacional brasileiro, em que se faz necessária atenção redobrada aos métodos e didáticas da pedagogia e nos processos de ensino-

aprendizagem por parte dos educadores, colaboradores e gestores do ensino formal em todos os níveis, uma vez que as escolas abrangem em suas estruturas um contexto privilegiado para a formação de crianças e adolescentes, oferecendo oportunidades de contato entre o jovem e o professor, e dando-lhes as possibilidades e condições para sua formação como ser cidadão e ser social.

Um professor não pode ser neutro social e nem politicamente, mas ativo e instigador para inserir seus alunos na sociedade, na política (não necessariamente apenas partidária, mas também holística e ligada à realidade social, econômica e cultural brasileira e internacional) e nos contextos ideológicos, econômicos, culturais, éticos e religiosos das sociedades em todo o mundo, com o intuito de ajudá-los a construir novas estruturas intelectuais que lhes possibilitem aprender a analisar o global e o local, concatenando-os quando necessário e arbitrando suas ações para serem úteis à sociedade, assim como compreendendo o que a sociedade pode fazer para ser útil também às suas necessidades.

É de suma importância o professor e o aluno terem consciência de não se limitarem a verbalizações críticas, tão caras e recorrentes a quase todo o ser humano em forma de rebeldia conceitual inócua, mas adquirirem coragem para desenvolver e promover o “apenas falar” para o nível da real ação, de forma a gerar um senso crítico realmente eficiente e transformador, que não enxerga apenas problemas e críticas, mas visa soluções em forma de ação estratégica e real com base nas análises críticas a autônomas concedidas por uma educação de peso. Segundo Freire (2002):

Uma das questões centrais com que temos de lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica,

a revolucionário, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho (FREIRE, 2002, p.88).

Assim, se o professor for consciente social e politicamente, e souber de sua imensa responsabilidade em transmitir tais conceitos, ele estará participando ativamente do aprimoramento do processo de educação no Brasil. Muito embora os percalços burocráticos, políticos e administrativos tendam a barrar a tendência docente da politização, a resistência e insistência devem fazer parte do quadro de aptidões para a formação do professor, que precisa instar junto a seus alunos e seus próprios ideais, com veemência diante das contradições, pois caso contrário estará legando a seus alunos um conhecimento estéril, mecânico e focado apenas na conservação do *status quo* social, tolhendo-lhes a condição reflexiva, afetiva e intelectual de agir com desenvoltura e criar ‘o novo’ como ser e ator social ativo e inovador.

Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correremos o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento de braços. “Não há o que fazer” é o discurso acomodado que não podemos aceitar (FREIRE, 2002, p.72).

Conforme supracitado, a importância do comprometimento político do professor é taxativa, e deve ser trabalhada na formação do docente, pois sua falta leva à inércia político-pedagógica e social. Um aluno que aprende a refletir sobre a realidade de seu lar, bairro, cidade e país, de forma diacrítica e correlacionada, torna-se um ser social munido de condições para enfrentar as dificuldades que se apresentarem; porém, se o professor apenas ensinar a matéria, o tema, o factual, o parametrizado e matematizado saber técnico, sem digredir e contextualizar reflexivamente seu conteúdo de forma concomitante, os alunos se tornarão refratários aos conceitos de

desenvolvimento igualitário e social de que este país está precisando; e, justamente pelas influências socioeconômicas e culturais de seu cotidiano, os alunos muitas vezes se tornam resistentes até mesmo ao conhecimento básico e factual das aulas, ignorando, por exemplo, a importância do conhecimento histórico e historiográfico como raízes de nossa sociedade, bem como a relevância do saber geográfico e suas inúmeras possibilidades de aplicação.

O profissionalismo sustentado no desempenho técnico despolitiza o professor, produzindo a homogeneização da prática docente. Transforma-a num processo burocrático e controlado, com a consequente perda de autonomia e de participação social, em que as decisões administrativas desconsideram as características e o contexto existentes. (ROMANOWSKI, 2010, p.44).

Se não houver uma fundamentação crítica, progressista e encorajadora que incentive e estimule a ação revolucionária intelectual, os alunos poderão se enveredar a caminhos obscuros, uma vez que, não possuem uma educação elementar e profícua, potencializando ao invés de dirimirem os problemas sociais da comunidade e do país como um todo, integrando a massa de cidadãos analfabetos ou semialfabetizados, e estando suscetíveis, muitas vezes, a adentrar em contextos brutais de desagregação e caos social como banditismo, tráfico e envolvimento com drogas e armas, prostituição, desemprego, mendicância, entre outros.

Nos casos em que o aluno absorve apenas o conhecimento técnico nas aulas, sem reflexão ou paixão para com o saber dinâmico e reflexivo, provavelmente seguirá como autômato nos caminhos de alguns conhecimentos mecanicistas que lhe permitirão, talvez, alcançar pontuação em testes e vestibulares, com o fim de adquirir para si mesmo (e não para a sociedade com um todo) o máximo de bens que puder, tornando-se, muitas vezes, egocêntrico sem se aperceber, e não reconhecendo o papel coletivo imprescindível do qual poderia fazer parte, se tivesse uma formação sociopolítica

consistente e bem elaborada, junto ao saber técnico eficiente para gerir as estruturas e instituições do Brasil.

Para elucidar estes conceitos sobre como a teoria e a prática educacionais, trabalhadas em conformidade com uma pedagogia engajada e comprometida, podem levar à formação de cidadãos reflexivos e conscientes, a citação de Romanowski (2010) é precisa e oportuna:

Na perspectiva crítica, o processo de reflexão assume as categorias da dialética como direcionadoras da análise da prática e resume-se em assumir a teoria como expressão da prática, tomando esta última como ponto de partida. Importa explicitar as implicações das ações dos professores no enfrentamento dos problemas do cotidiano frente às contradições sociais. (ROMANOWSKI, 2010, p.147).

É pertinente lembrar que um mestre pode e deve contribuir como multiplicador de tais conceitos junto a seus pares, e concomitantemente possuir iniciativa independente da ajuda que receberá (ou não receberá) dos órgãos e instituições responsáveis, pois a profissão docente não se trata apenas de um 'ganha-pão', mas também, e principalmente, de uma vocação e uma responsabilidade cada vez maior em nossa sociedade, e, dentro de tais contradições, o indivíduo deve abarcar e atribuir a seu cabedal teórico-metodológico, toda a formação conscientizadora e transformadora que puder, sendo esta contínua para se tornar abrangente e eficaz. Sobre o professor, Romanowski afirma que

Um professor é um profissional do ensino. Tem como ofício ser mestre, promover a humanização das crianças, dos jovens, do outro e de si mesmo [...] essa identidade não é dada, mas construída pelo indivíduo ao longo de sua vida e também pelo coletivo de profissionais de uma determinada categoria de trabalhadores. (ROMANOWSKI, 2010, pp.17-18).

É preponderante apontar que o docente da atualidade tenha algumas certezas em seu campo de conhecimento e atuação: primeiro,

que a maneira como difunde seus conteúdos está ligada a quem ele é, e aí a pertinência da formação contínua e profícua, assim como a prática autoconsciente da introspecção; segundo, que o padrão de seu comprometimento e a qualidade de suas aulas é diretamente proporcional à qualidade de sua formação político-intelectual (sendo esta contínua) e sua consciência para com o próximo; e, terceiro, conforme busca elucidar este artigo é de inexorável importância uma aula ministrada com dinamismo, paixão, didática, politização e conteúdo significativa, pois se vale a máxima de que, se a educação é a condição que garantirá um futuro propício para a nação, os profissionais da educação possuem um papel não menos que heroico no processo de gestão do ensino-aprendizagem e do relacionamento intrínseco com o discente e com a sociedade.

## **O COMPROMETIMENTO AFETIVO DO DOCENTE**

Uma vez que o educador desenvolve sua capacidade de autogestão, autoanálise, autoconsciência acurada, introspecção e comprometimento eficaz com o ensino-aprendizagem, pautado na responsabilidade de inserir seus alunos em um conhecimento político, reflexivo e autônomo, como citado no tópico anterior, abrem-se a possibilidade e a necessidade de interagir com cada aluno individualmente – e com a turma como um todo – de forma dinâmica, agradável e atenciosa, que, segundo os estudos de Lakomy (2008) sobre as proposições de Henri Wallon, se expressa como uma forma afetiva, carismática e interpessoal de comunicação.

[...] a maior contribuição de Wallon está na ideia de que a construção da inteligência está intimamente relacionada ao desenvolvimento da nossa afetividade; ambas estão a serviço da construção de um ser humano afetivo, individual, concreto e social. (LAKOMY, 2008, p.68).

Em primeira instância, o professor deve possuir uma formação afetivo-psicológica

intensa para ministrar aulas com competência, dentro de parâmetros similares aos apontados pela psicologia walloniana, que preconiza a contextualização do ensino teórico com o cotidiano social e com o saber trazido pelo aluno à escola. Isto implica em uma autoeducação e reflexão interior por parte do docente, de forma que, antes de ensinar ele adquira sensibilidade acurada e conheça sua própria mente e concepções psicológico-intelectuais, para que possa então contribuir para com os alunos, auxiliando-os em caminhos de mesmo direcionamento e postura.

Assim, as proposições de Wallon ofertam e deslindam características reflexivas que atendem aos requisitos da educação brasileira na atualidade, justamente pelo fato da desagregação familiar e social ser tão presente na vida da grande maioria dos alunos, que conseqüentemente, não valorizam ou se concentram o suficiente nas aulas, criando uma barreira dicotômica entre professor e aluno, que leva ao desinteresse e dissabor de ambos no processo de interação social escolar.

A psicologia walloniana postula que o desenvolvimento infantil deve ser atrelado ao aprendizado formal escolar, e que este aprendizado deve focar, sobretudo, o comportamento cognitivo, a inteligência empática e o gradual desenvolvimento do aluno dentro destes fenômenos, isto é, a criança não pode aprender apenas o tradicional por meio da racionalidade, mas junto ao racional deve estar o afetivo, o humano e o introspectivo, que influenciarão em muito na formação de seu caráter, intelectualidade e inserção social.

Sob tal perspectiva, segundo Romanowski (2010), o ramo da educação e da psicopedagogia na formação dos professores e o ensino aos alunos deveriam ser reelaborados transversalmente, de forma a estruturar o ensino contando com a realidade e os pré-conhecimentos dos alunos sobre sua vivência, família e sociedade, com vistas a autonomização, politização e socialização dos mesmos, e com uma formação docente que, de



forma enfática e eficaz favorecesse tais inter-relacionamentos e pluridisciplinaridades nas aprendizagens, didáticas e metodologias focadas para o desenvolvimento de novas camadas de inteligência articuladas com outros universos para o aluno, e não apenas para a memorização e os saberes técnicos puros e objetivos sem a devida dimensão de reflexão necessária e indispensável:

[...] o profissionalismo sustentado no desempenho técnico despolitiza o professor, produzindo a homogeneização da prática docente. Transforma-a num processo burocrático e controlado, com a consequente perda de autonomia e de participação social, em que as decisões administrativas desconsideram as características e o contexto existentes. (ROMANOWSKI, 2010, p.44).

Para que uma formação bem estruturada nestes parâmetros seja efetivada, o educador deve em primeiro lugar estar conscientizado de que, para o bem ou para o mal, o processo de ensino atualmente atende a uma clientela escolar que “pensa” e “age” diferente dele, com valores reelaborados por inúmeros fenômenos históricos, econômicos, tecnológicos e culturais, e que esta clientela precisa ser entendida também pela perspectiva “dela mesma”, e não apenas na visão do professor sobre o que ‘deveria’ ser sua conduta, pensamentos e ações.

É necessário que haja concomitante ao conteúdo, estratégias de execução e consideração referentes ao processo de ensino-aprendizagem da clientela escolar de forma inteligente e contextualizada com a vida, o cotidiano, os problemas, as possibilidades e a personalidade pensante dos alunos, bem como o que lhes importa na prática, para o bem de se conseguir seu interesse nas aulas e, tão importante quanto, um ensino que frutifique e realmente venha a somar e multiplicar suas competências, o que muito o Brasil está precisando na contemporaneidade. A própria essência e a semântica do ‘ensinar’ está ligada a gerar no aprendente uma marca, um precedente cognitivo e emocional, um signo, podendo ser expresso em um neologismo:

‘ensinar’, isto é, marcar outro humano com determinado sentimento, saber, experiência e conhecimentos.

### **Desafios educacionais e tecnológicos de uma clientela “navegante”**

Com a potencialização dos meios de comunicação e entretenimento difusos no seio da sociedade brasileira e mundial de forma crescente e gradual desde o início do milênio, as crianças, pré-adolescentes, jovens e adultos tem sido classificados por algumas correntes de pensamentos e análises sociológicas como a denominada “geração videoclipe” e/ ou ainda mais atualmente, “geração navegante”, e outros adjetivos de cunho semelhante ligados a neologismos oriundos do uso e da navegação constante na Web, da intensidade e do exagero da utilização das novas tecnologias em dispositivos móveis para entretenimento e comunicações. Esta geração representa a clientela escolar privilegiada na atualidade pela ação e atuação do trabalho educacional docente. Um desafio fascinante para a empatia e inteligência afetiva do professor.

É inegável que na atualidade as crianças são criadas desde a mais tenra idade em frente aos mais inusitados, alienantes e intelectualmente apáticos programas e comerciais de TV – cuja censura é imensamente duvidosa –, bem como navegando na em uma variedade de mundos virtuais em que videogames ou jogos interativos mostram realidades fantásticas; músicas e vídeos sempre presentes (muitas vezes dentro de sala de aula) pelas tecnologias dos dispositivos móveis – celulares e seus muitos congêneres: laptops, palmtops, e imensa diversidade de tecnologias digitais, que trazem em seu bojo milhões (ou bilhões) de sites na Web com informações as mais variadas. A primazia da juventude (e não somente ela) é atualmente estar inserida na ‘navegação’ sistemática de redes sociais e similares – Facebook, WhatsApp, Instagram, LinkedIn, dentre outros – que captam várias horas de seu tempo, e, independente de juízos de valores sobre seu conteúdo em cada acesso, horas que não serão devolvidas jamais...

Sendo assim, é preciso que o professor possua no bojo de sua formação contínua o conhecimento dos fatos, formas, predileções, tendências e inovações diárias das tecnologias utilizadas pelo aluno, para que possa contextualizar suas aulas ligando-as quando necessário a toda essa inovação, e aproveitando as mesmas como apoio às aulas, todavia, dosando com critério e equilíbrio os caminhos didáticos de tal apropriação da realidade tecnológica e informatizada da juventude, tanto em quantidade como na qualidade dos sites e redes sociais acessadas, além da escolha acertada das ferramentas que unam entretenimento e saber de forma parcimoniosa e vantajosa para o saber múltiplo e dinâmico.

É preciso aproveitar as muitas possibilidades que tais plataformas apresentam para subsidiar o ensino, porém, apenas como “auxílio” e não fundamentação das aulas e temas, uma vez que a base deve sempre abarcar o binômio ‘conteúdo’ e ‘didática’, provando ser imprescindível a inteligência e o conhecimento profundo dos conteúdos ministrados e contextualizados com o cotidiano do próprio aluno, assim como a capacidade crescente da condição intelectual e afetiva do educador em tornar suas aulas motivadoras, interessantes, instigantes e inteligentes, a ponto de suprir essa geração complexa de alunos com déficit de atenção, geração que provavelmente dirigirá o futuro da sociedade brasileira, e demanda capacidade técnica, profissional, intelectual e sentimental além da que atualmente se percebe.

Não há fórmulas didáticas prontas dentro deste universo de possibilidades aqui apresentadas, mas, grosso modo, um professor comprometido afetivamente com o aluno mostra-se empático, se imagina em seu cotidiano e imerso em suas dúvidas, dando ao aluno atenção de forma hierarquicamente posicionada, porém, educada e gentil, escutando o que tem a dizer sem menosprezar sua expressão, valorizando sua cultura – apesar das contraditoriedades comportamentais do

mesmo – de modo a ganhar sua confiança e simpatia, suprimindo muitas vezes uma atenção que o aluno não recebe em sua casa – o que infelizmente é bastante comum –, e facilitando seu ingresso no mundo das ciências e do raciocínio intelectual, sentimental e reflexivo.

O objetivo é ajudar um aluno que vive em meio às distrações ofertadas pela facilidade ao acesso às tecnologias, mas que concomitantemente vive em um meio social de desagregação contínua, e não presta a atenção às aulas muitas vezes por estar preocupado com o que vai almoçar após as mesmas, porque sabe que em sua casa não há alimento, não há proteção, e, por vezes um pai ou mãe, sem perspectiva ou esperança...

O desafio apresentado é o de auxiliar o aluno a construir um saber que o muna de habilidades e capacidades, mas que também lhe proporcione amor, respeito ao próximo e preocupação com a sociedade, trazendo para si responsabilidades sociais pela compreensão do todo, e impedindo que seja “contaminado” com os diversos tipos de preconceito ou se faça conivente com a desigualdade social, mas antes “contagiado” com o prazer contínuo de aprender e desenvolver competências no contexto das aulas. Lakomy (2008) afirma que o professor e o aluno devem:

[...] desenvolver competências para utilizar a aprendizagem significativa em detrimento da aprendizagem mecânica; perceber que a afetividade é parte importante e integrante do processo de aprendizagem, já que ela acompanha o desenvolvimento cognitivo da criança. Portanto, **cabe ao professor estabelecer relações afetivas com os alunos para que elas facilitem o processo de ensino-aprendizagem** (grifo meu). (LAKOMY, 2008, p.70).

Neste panorama, a percepção da autora sobre os pressupostos de Wallon é providencial, pois para que o professor consiga estreitar laços com seus alunos, precisa primeiramente ser cidadão social e afetivo, preocupado com o próximo, a coletividade, o meio ambiente, a economia, o bem estar social; para que possa exercitar sua profissão de forma

autêntica, respeitando e aproveitando o conhecimento oriundo da vida social e experiências do aluno e buscando sempre ‘ultrapassar este ponto’, para que o mesmo aprimore seus níveis intelectuais e possa dimensionar-se no mundo abstrato e no mundo real, através de exercícios mentais e afetivos de estudos e relacionamentos em sala de aula, construindo um mapa cognitivo pertinente que lhe permita ora redarguir, ora compreender as contradições sociais, construindo trajetórias sólidas, consistentes e criativas para si e para o coletivo.

Na falta de formação com bases em pressupostos desta monta, pode ocorrer uma desintegração cognitiva, emotiva e social interior, e levar gradualmente indivíduos e coletivos à anomia social, conforme denota Wallon (1995) de forma concisa e cristalina:

O homem encolerizado só toma conhecimento de seu arrebatamento, esquece seus verdadeiros motivos e perde a noção do que o cerca. As ideias e pensamentos que lhe são possíveis conservar não passam de um reflexo mais ou menos fantástico de suas veleidades emotivas. Caso ele se entregue às manifestações extremas de fúria, chegará a uma obnubilação total da percepção e da inteligência. Sendo mais violento, por ser mais cego e indiferente à visão exata da realidade, o medo age da mesma forma, criando fantasmas que não passam de uma intuição de si mesmo, projetada nas três dimensões do espaço. (WALLON, 1995, p.86).

### **O ensino-aprendizagem com substância e propósito para atrair o interesse do aluno**

É prerrogativa de todo o ser humano (e tanto mais do educador), de que se deve entender a criança para auxiliar na formação de seu caráter; visualizá-la através de “todo” o seu comportamento: apatias, inércias, medos, instabilidades, posicionamentos culturais, disciplina, linguagem facial e corporal, postura física e intelectual, preferências, classe social e econômica, estruturas familiares, entre outras; e não somente focar as análises de forma avaliativa formal em suas atividades escritas ou resultados de testes. Com sensibilidade

inteligente e afetiva, um educador saberá quando as atuações do aluno devem ser mitigadas, coibidas, reforçadas ou incentivadas.

A base para a compreensão do aluno como ser humano e contínuo aprendiz é fazê-lo aderir aos princípios da comunicação saudável com o professor, então é necessário primeiramente chamar a atenção do aluno para si, dando aulas com um comportamento que se firme peremptoriamente em bases consistentes de afeto e ação social, sendo mediador que se renova no estímulo afetivo e humanista de auxiliar com empolgação e criatividade, não enxergando apenas um aluno, mas visualizando a criança brasileira, vítima também de um estado social calamitoso, e que não recebe o apoio – pessoal ou institucional – necessário quantitativa e qualitativamente para alcançar uma transformação eficaz.

A despeito de todas as polêmicas, paradigmas e reelaborações institucionais ainda se podem encontrar auxílio e educação afetiva, comprometida e engajada nos ambientes escolares, tanto pela própria convivência entre as crianças, que direta ou indiretamente influenciam em sua formação, como por meio de professores e colaboradores pedagógicos que apresentem melhores formas de ensinar, valorizar e prender a atenção ao ensino, assim como demonstrar a efetividade do saber como raiz semântica de “sabor” em sala de aula para ação e atuação imediata e também posterior na sociedade, isto é, dar substância e propósito ao aprendizado teórico ligando-o ao prático.

O docente encontrará muitos descasos, impedimentos e percalços desmoralizantes ao tentar percorrer o ‘justo caminho’ do comprometimento e ensino social, ético, humanístico, educacional e inspiracional para os alunos; porém, há de resistir, pois quando a luta pela equidade e justiça está em seus níveis mais baixos e difíceis é que é preciso haver heróis combativos da intelectualidade e da emoção, sendo o professor um profissional indicado para se engajar neste labor e vocação excelentes sob quaisquer pontos de vista.

Paulo Freire lutou bravamente para a efetivação de práticas reais e eficazes a respeito das demandas analisadas por estas reflexões, do início ao final de sua carreira, e, a exemplo de suas elucubrações torna estes pensamentos referenciados quando afirma:

[...] Há um sinal dos tempos, entre outros, que me assusta: a insistência com que, em nome da democracia, da liberdade e da eficácia, se vem asfixiando a própria liberdade e, por extensão, a criatividade e o gosto da aventura do espírito. A liberdade de mover-nos, de arriscar-nos vem sendo submetida a uma certa padronização de fórmulas, de maneiras de ser, em relação às quais somos avaliados. É claro que já não se trata de asfixia truculentamente realizada pelo rei despótico sobre seus súditos, pelo senhor feudal sobre seus vassallos, pelo colonizador sobre os colonizados, pelo dono da fábrica sobre seus operários, pelo Estado autoritário sobre os cidadãos, mas pelo **poder invisível da domesticação alienante** que alcança a eficiência extraordinária no que venho chamando 'burocratização da mente' (grifo meu). (FREIRE, 2002, p. 128).

Na realidade atual brasileira, há tantas alienações quanto possível para desmotivar ou distrair a criança e o adolescente da importância fulcral de um estudo bem estruturado e que gere valor em si e na trajetória a ser percorrida. Sendo assim, a inteligência emocional, a afetividade e o poder do diálogo nos processos de ensino-aprendizagem entre docentes e discentes é fundamental em busca de uma dialética do conhecimento que enseje a desalienação psicológica, intelectual e social do infante, do adolescente e, conseqüentemente, do adulto cidadão e pertencente a uma coletividade a caminho do desenvolvimento do país.

Desta forma, se o professor for afável e carismático em aula, o aluno se desdobrará para admirar sua forma didática de ensino através de aulas práticas, dinâmicas, não cansativas, claras e ministradas com paixão, empolgação e competência, e isto por meio das fontes de conhecimentos afetivos, psicológicos e humanos que venham a corroborar a matéria ensinada propriamente dita. Entender o aluno

facilita as aulas e os intercursos que o professor deve ter com ele, conforme propôs acuradamente Wallon (1995):

[...] não existe criança que, em condições normais, não apresente ocasionalmente uma incontinência emotiva, explosões súbitas, crises emotivas. Aliás, a multiplicação ou não dessas crises depende muito do educador, pois, graças ao mecanismo do reflexo condicional, elas passam facilmente a constituir um meio de ação sobre o ambiente. (WALLON, 1995, p. 117).

### O professor como referência social

Na realidade brasileira imersa em contradições sociais, econômicas e familiares, o infante vem a escola com quase nenhum objetivo para o estudo. Muitas vezes pela alimentação, algumas por atenção, outras por benefícios de programas sociais a família e, de uma forma geral, sempre com incertezas sobre quais as vantagens de realmente estar participando de uma aula. Dentro deste contexto ocorre, a exemplo disto, que muitas vezes uma professora é chamada de "mãe" por um aluno quando simplesmente lhe dá uma mínima atenção ou a protege de alguma ínfima situação embaraçosa. Onde está a mãe e o pai que o aluno precisa? E as demais figuras imprescindíveis no auxílio da formação de seu caráter?

Não se tem a intenção de preconizar aqui que o professor precisa substituir todas as outras estruturas da vida da criança, como família, religião, condutas éticas e morais, etc. - o que seria impossível por vários motivos -, mas torna-se cada vez mais imprescindível que a qualidade da educação fornecida nas escolas por docentes competentes aborde sim, a essência e os princípios de "todos" os aspectos da vida do infante, a fim de contextualizar os novos aprendizados com a real necessidade de cada criança, para que haja o desenvolvimento; em caso contrário, qual seria o sentido?

Letras, números, áreas, nomenclaturas, datas, personalidades famosas, fórmulas

químicas e recordações apenas? O Ensino Médio, por exemplo, continuará existindo apenas para preparar o aluno para o vestibular, elencando a inteligência brasileira da juventude na educação formal escolar como meramente decorativa, sistemática, memorizante e alienante? Formaremos mão-de-obra técnica e tecnológica para apenas reproduzir o que há de bom e ruim em todos os setores da sociedade? Freire (2002) refletiu com muitíssima propriedade sobre tais indagações sobre o “apreender” a profundidade das essências epistemológicas do saber, apreendendo assim, sua substantividade e subjetividade fecunda em uma relação dialética entre o professor, o aluno, a educação e a própria realidade:

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica nossa habilidade de apreender a substantividade do objeto aprendido. A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção. É precisamente por essa capacidade de apreender a substantividade do objeto que nos é possível reconstruir um mau aprendizado, o em que o aprendiz foi puro paciente da transferência do conhecimento feita pelo educador. (FREIRE, 2002, p. 77).

Diante de tais dilemas, será polêmico ou paradigmático o sonho de se buscar – conforme a intenção das reflexões deste trabalho e das personalidades nele referenciadas – um equilíbrio saudável entre o indispensável saber técnico, eficaz e desenvolvimentista, que saiba interagir com o conhecimento progressista, moral, ético, humanístico, sociológico, histórico, filosófico, cultural, religioso e reflexivo?

Pois, se houver coerência nesta proposição de equilíbrio, equidade e harmonia, haverá esperança para o preparo de uma futura nação que possua os mais finos e sofisticados padrões éticos e morais, para que não proceda de forma alguma, nunca e nem

jamais de forma a continuar reproduzindo a imensa e variada gama de possibilidades de corrupção de valores, pessoas e posses, a criminalidade ativa ou passiva, a despreocupação com o ser humano ao lado, o individualismo exacerbado, a egolatria, o narcisismo, a inércia dos sentimentos e a falta de uma ação e inter-relação conciliatória com os problemas do ser humano-irmão que “mora ao lado”, o desprezo pela própria saúde e bem estar familiar, entre outros desvios que são notórios em todas as faixas etárias neste país já há algum tempo.

O que o “Brasil infantil e adolescente” precisa – segundo as perspectivas e proposições apresentadas – é da real atenção e preocupação, sim, dos professores, mas também e especialmente de pais, familiares, responsáveis, conselheiros, lideranças políticas munidas de vontade e que se preocupem a nível fundamental, investindo capital, inteligência e fiscalização suficientes nos setores educacionais. Também executando e legislando sobre esta estrutura para manter e dar vivacidade na busca pela excelência formativa, de forma que auxilie o país na construção da cidadania e de uma socialização salutar em todos os níveis da educação.

E, na falta da ajuda ou companhia de algumas destas personalidades ou instituições, como ocorre na atualidade, um professor apaixonado pela vida, pelo ser humano e por sua profissão, pode ser uma figura-chave e investir em seus alunos o melhor de si (desde que aprenda a cada dia a desenvolver a si mesmo), para suprir a carência educacional, oriunda de raízes historicamente construídas em determinados interesses egoístas, por séculos no Brasil.

Isto é ser educador e é ser humano! Colocar o bem estar da sociedade acima das muitas dificuldades. É preciso aprender com as origens da humanidade, como exemplo dos povos chamados por muitos de “não civilizados”, pois não se encontra normalmente em uma tribo indígena um índio alcoolizado jogado em um canto da sarjeta sob a

intensidade dos raios do Sol do meio-dia sem que alguém de sua tribo lhe socorra, e depois puna e o corrija pelo desrespeito a si mesmo. Assim, é possível arriscar a execução de um juízo de valor em que o nível de civilização e educação informal indígena seja mais alto do que o nível citadino das metrópoles em determinados patamares, pois cotidianamente se caminha ao lado de mendigos e embriagados (muitas vezes vizinhos, conhecidos ou até mesmo parentes) e o transeunte nem mesmo se digna a olhá-los ou cumprimentá-los, quem dirá auxiliá-los em sua miséria ou socorrê-los minimamente de alguma forma, simplesmente conduzindo-os a seus lares, por exemplo. Será que nossa consciência está cauterizada, conformada e traumatizada a tal ponto que não se percebe a necessidade de imbuir tais valores com peremptoriedade na educação?

O incentivo ao docente é um tema complexo e de inegável importância e, a despeito da situação lutuosa do professor brasileiro que, muitas vezes não reconhecido, precisa continuar seu labor e cumprir seu papel social. E, a melhor e maior reação de um professor às disparidades entre sua função e o devido reconhecimento, é ministrar uma aula muito bem dada com um perfil superior de capacitação e efetivada com perspicácia, encantando o aluno, gerando caminhos de saberes e ressignificando a ele as bases formadoras de atitudes positivas na relação dialética do ensino-aprendizagem.

Além disso, o incentivo ao docente não precisa ser necessariamente apenas o reconhecimento de seu trabalho diante da sociedade ou dos órgãos institucionais da educação, por meio de salários melhores e infraestrutura aprimorada para ministrar. Claro que tudo isto é imprescindível, mas muitas vezes o maior incentivo é o sucesso do próprio ser humano pelo professor inspirado, na figura de um aluno que poderia ser filho, irmão ou neto, e que será beneficiado por sua intervenção sagaz e imerso na construção do novo para o benefício de toda a sociedade.

Nas tentativas de “salvar situações”, encaminhar destinos, e ser um referencial de amor ao conhecimento, o professor se torna um ícone ao aluno, por conta de sua competência e carisma, demonstrando as vantagens do aprimoramento das faculdades mentais e influenciando centenas (ou milhares) de pessoas; mas, se o mestre conseguir auxiliar, positivamente, a apenas um deles, já terá conquistado, literalmente, a vitória de toda uma vida.

### **ESTÍMULOS EPISTEMOLÓGICOS DO CONHECIMENTO E AUTONOMIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO**

Como definir um professor? O que é este conceito denominado de ‘conhecimento’? Para que serve? Como ministrá-lo? Qual a validade do saber? Para que compreender determinados temas? Para que e por que possuir autonomia se já possuímos um Estado para, teoricamente, nos orientar e auxiliar em diversos matizes da vida coletiva?

Estas questões são, entre tantas outras, formas de tentar responder às necessidades oriundas do ser – de prisma ontológico – de se situar social, econômica e até existencialmente dentro da sociedade, cultura e tradições. São questões práticas pertinentes aqui ao campo educacional que, se ficarem na penumbra, sem tentativas de respostas e esclarecimentos, deixam de ser questionamentos saudáveis e geradores de crescimento interior e se tornam paradoxalmente um entrave à educação, tornando seus processos difíceis e muitas vezes impraticáveis, sem sentido racional, sentimental e sem razões práticas ou objetivos lúcidos.

Portanto, a importância da afetividade nas aulas, intercalada com dinamismo e capacitação poderá atender a missão do professor, que é conhecer o aluno para poder ensiná-lo. Corroborando e estruturando tais proposições deste trabalho, Lakomy (2008) apresenta um panorama dialetizante em que:

[...] o processo de diferenciação entre afetividade e inteligência, apesar de a reciprocidade entre ambas se manter de tal forma que as aquisições de cada uma repercutem sobre a outra permanentemente. Ambas se desenvolvem, entretanto, por meio das interações culturais, e a segunda, pelas interações interpessoais. (LAKOMY, 2008, p.66).

Torna-se a cada dia mais indispensável que o aluno possua interação com sua cultura e seus produtos histórico-sociais, tanto quanto o conhecimento linguístico, matemático, geográfico, sociológico e filosófico com suas inúmeras ligações com a política e a sociedade para desenvolver seu modo de pensar de maneira sincrética, estruturando suas opiniões e ações e conquistando resultados que se pautem em bases sólidas de cidadania, solidariedade e conscientização.

Para tanto o aluno deve sempre ser estimulado de várias formas – tantas quantas forem necessárias – em aulas diversificadas e empolgantes que deslindem o panorama quase infundo que as disciplinas concatenadas com as reflexões de vida e de possibilidades de criação e inovação oferecem nos processos de ensino-aprendizagem. Claro que com prisma racional e concreto, mas também sob uma perspectiva interpessoal, carismática, emocional e ética.

Para elucidar esta ideia, há exemplos negativos de relacionamentos entre professores indolentes ou condescendentes e seus alunos, de forma que em uma disciplina de História, Geografia ou Psicologia no Ensino Fundamental ou Médio, em que o aluno não se interesse pelos temas – que comumente se consideram “maçantes” se não forem ministrados de forma envolvente –, ou questione a pertinência do aprendizado, o professor despreparado ou desmotivado ofereça respostas insatisfatórias e restritas apenas na busca e objetivos de um aluno para a possibilidade de um bom emprego ou sucesso em um vestibular, como se o ponto alto da intelectualidade e inserção na sociedade fosse apenas passar no vestibular ou ingressar no ensino de nível superior; quando na verdade a

escolarização é parte importante da formação do aluno, mas não expressa o ‘todo’, devendo sim ser somada à conscientização social e à formação contínua não apenas no ensino formal, mas em todos os aspectos da vida.

Tais afirmações são expressões de casos sobre o despreparo político-intelectual e afetivo de um docente ao ser abordado em sala de aula, uma vez que ainda confunde o “ter” com o “ser”. Assim, o professor deve estimular seus alunos a aprenderem com base em dois objetivos estruturais humanos de forma equilibrada: o ‘ter’ e também o ‘ser’, uma vez que, se o aluno dominar saberes técnicos, mas também conhecimentos disciplinares humanos, éticos e reflexivos, ele aprimorará sua relação com a sociedade de forma coerente, eficaz e também afetiva.

O objetivo de ‘ser’ expressa bases de conhecimentos e valores superiores que auxiliam o aluno a se tornar gradualmente melhor como ser pensante, valorizando sua família, escola, coletividade e a sociedade como um todo, e visualizando com clareza seu papel neste cenário. O objetivo ‘ter’ representa as buscas e consequências materiais, econômicas, físicas, visíveis e limitadas, que virão em maior ou menor medida – como resultado – ao cidadão que lutar pelo ser humano, por si mesmo e por aqueles que estão à sua volta.

O ensino baseado na estrutura do ‘ter’ é necessário e importantíssimo, porém, limitado; o conhecimento do ‘ser’, por sua vez, oferece possibilidades pelo decorrer de toda uma vida, combatendo o empobrecimento interior, o egoísmo e a inércia social.

Como exemplo, uma resposta do professor que oriente ao equilíbrio dos conhecimentos do aluno poderia frisar que o campo científico e o conhecimento factual são importantes, mas que até o presente não se conseguiu somente por eles criar ou reproduzir apenas nas ciências factuais nem mesmo uma pequena pétala de rosa, uma folha de grama ou uma simples bactéria que representasse a excelência da perpetuação/ criação da vida por

vontade própria, mas por outro lado, se o aluno se aplicar a compreender temas e estruturas baseadas também em disciplinas como a filosofia, história, geopolítica, psicologia, dentre outras ciências multidisciplinares que, coadunadas com os demais saberes técnicos e aplicados, interajam com os relacionamentos humanos, sociais e profissionais, poderá produzir conhecimento e novas perspectivas para gerir a sociedade, direcionando com cautela sua própria vida, através da superação de cada novo desafio que se apresentar.

Agindo assim, conseguirá gerar dentro de si novos conceitos e saberes, e o que é melhor, expô-los para o próximo, trabalhar o respeito e a igualdade e melhorar a sociedade, gerando intensos benefícios para sua família, seu bairro, escola e coletividade. A interdisciplinaridade oferece, portanto, infinitas possibilidades de desenvolvimento, superando a tudo o que se conhece, e tornando válido e transformador o conhecimento vivo abordado.

### **O professor como aprendiz e formador de perspectivas sociopolíticas, autônomas e contextualizadas da realidade**

Uma das funções mais importantes de um professor é orientar caminhos e processos a fim de “educar o olhar”, transformar perspectivas, auxiliando o aluno a direcionar suas opiniões e sentimentos sobre a realidade, e demonstrar a pertinência do estudo destas disciplinas para seu preparo crítico, político e inovador, proporcionando-lhe possibilidades de enxergar de forma mais poderosa as ligações entre os conhecimentos educacionais formais e sua vivência social, ou seja, orientá-lo a proceder o pensamento complexo, a capacidade de questionamento e a formação de um olhar crítico e privilegiado sobre o real.

Como forma de explicitar as muitas utilidades do ensino como saber profícuo e oportunidade soberana no Brasil, o professor deve, por exemplo, concatenar fatos históricos pertinentes como a desigualdade socioeconômica focando sublevações, rebeliões

e guerras civis passadas e relacioná-las com rebeliões, contestações e movimentos sociais da atualidade, deixando clara a ligação entre protestos e economia, política, legislação e sociedade, pois onde há miséria há também instabilidade social, o que influencia as ações de um povo, e influenciará diretamente a vida dos próprios alunos. Isto é, proceder a possibilidade de mostrar ao aluno o poder de abrangência da complexificação dos temas via contextualização com suas próprias vidas e cotidianos, para logo após – ou concomitantemente dependendo de cada tática ou tematização – didatizar os resultados obtidos com discussões, debates e questionamentos de toda a classe no processo dialético de seu aprendizado, chegando a resultados simples, porém, profundos, que servirão de base de raciocínio e sensação ativa de poder intelectual aos alunos.

Outra operacionalização didática aborda o enfoque e a reflexão com os alunos através de debates sobre os contextos da realidade atual permeada com a criminalidade, marginalização, prostituição, penúria popular, bem como a responsabilidade que sobre isso cabe às autoridades constituídas, suas ações paliativas com seus programas sociais, e o papel social que cada cidadão pode representar através de ações e decisões que tomarem, isto porque a formação social e intelectual dos jovens depende também das relações que estes possuem com o meio em que vivem e, principalmente, da forma como compreendem esse particular e o ligam com o todo, subsidiando sua competência, coragem e paixão para o aprendizado contínuo e o trabalho incessante e eficaz que prime o desenvolvimento ético e social.

Para tanto o professor precisa ser realmente comprometido com tais focos e envolvido de forma profunda com as mesmas práticas epistemológicas que enseja executar em seus processos de ensino em aulas, conforme Perrenoud (2000) explicita de forma realista, muito clara e enfática a situação dos processos educacionais de ensino formal no



Brasil atualmente com seus inúmeros desafios e possibilidades, que devem ser muito bem conhecidos e reconhecidos por cada docente:

A democratização dos estudos trouxe para as escolas alunos que outrora ingressavam diretamente na vida ativa. Não há mais “herdeiros”, defensores da cultura escolar e cuja única resistência é da ordem da preguiça e da desordem organizada. Os professores tiveram que se conformar com isso. [...] A responsabilidade pelo desejo e pela vontade pouco a pouco se inscreveu no ofício de professor, muitas vezes por não ter outra alternativa do que por vontade de despertar vocações. A voga do ‘projeto pessoal do aluno’ não deve iludir: os professores sabem bem que muitos alunos quase não têm projeto é que é difícil propor-lhes um. A nostalgia de classes homogêneas e prontas para trabalhar não desapareceu. Porém, é preciso trabalhar com a realidade da escolarização em massa. Sem dúvida subsiste um leque de atitudes entre os professores: alguns perdem um segundo sequer para desenvolver a motivação dos alunos e acham que ‘não são pagos para isto’; limitam-se a exigi-la e a lembrar as consequências catastróficas da indolência e da reprovação. Outros consagram uma parcela não-negligenciável de tempo a encorajar, a reforçar uma certa curiosidade. [...] Pouquíssimos professores podem declarar sistematicamente: “um grande número de meus alunos não vê nem o interesse nem a utilidade dos saberes que desejo ensinar-lhes. Vou, então, consagrar grande parte do meu trabalho a desenvolver o desejo de saber e a decisão de aprender” (PERRENOUD, 2000, p.68).

Eis aí a imensa responsabilidade não apenas educacional, mas, sobretudo, social, de um professor com metodologias e didáticas engajadas, estratégicas e competentes: inserir o discente como conhecedor ativo das complexidades e contraditoriedades da sociedade brasileira, auxiliando e acompanhando sua trajetória para o sucesso, que não é sinônimo de riquezas, e sim de valores e princípios irrepreensíveis. E orientá-lo a busca de protagonistas, e não culpados, identificando soluções e não enfocando apenas os problemas; e, uma educação em cujas metas estratégicas objetivem-se a conceitualização e a dialetização dos saberes por meio de

apontamentos contextualizados, com perspectivas realistas, porém, otimistas, estruturadas em esperanças, recomeços, reconstruções, criação e inovação, e com direcionamentos de envergadura ética, moral, social e humana, tem a possibilidade de gerar articulações variadíssimas de novas estruturas de pensamento aos alunos, que passam gradualmente a perceber o quão inseridos estão nessa realidade e quais as dimensões de suas contribuições – ou inações – no resultado da formação de uma sociedade proativa que valorize o ser humano acima de quaisquer posses no âmbito consumista e, que prime concomitantemente à preservação e distribuição racional dos recursos naturais do ambiente, sem detrimento do desenvolvimento econômico.

Tais estruturas não pertencem a universos ou contextos separados, e é preciso que os processos de ensino-aprendizagem deixem isto muito claro, ou seja, que os espectros natural/ ambiental, físico/ consumista e humano/ emocional estão intrinsecamente ligados, assim como o ser humano está inexoravelmente ligado a seu meio ambiente. Tais reflexões podem, por exemplo, serem trazidas a tona e realizadas no trabalho sobre o significado do desenvolvimento sustentável – um dos temas mais debatidos na atualidade em todo o planeta – exemplificando aulas com o tema da utilização de energia solar, eólica, das águas das chuvas, reciclagem e reutilização de materiais e resíduos e a parcimônia que se deve possuir na utilização desses bens. É muito salutar a criação de projetos escolares estimulantes que abordem temas sobre as causas e resultados de enchentes em cidades brasileiras, por exemplo, e como podem ser considerados fenômenos naturais e artificiais ao mesmo tempo devido à intervenção do homem, que por meio de uma urbanização não planejada coerentemente, impede o escoamento das águas.

É preciso demonstrar ainda – através de conteúdos programáticos baseados nos

programas de educação – cotejando junto aos alunos em jornais, revistas, documentários, internet e outras fontes – não apenas a ação individual de qualidade para o desenvolvimento da sociedade, mas também, quais os limites da responsabilidade e a real ação da legislação brasileira e dos órgãos e instituições internacionais para se fazer cumprir metas e projetos em respeito a tais contradições, assim como propiciar ligações entre as políticas econômicas neoliberais, o capitalismo industrial e financeiro e as demandas mundiais em relação ao uso indiscriminado dos bens naturais em todo o globo.

## INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO BASE PARA O EDUCADOR

A afetividade unida ao raciocínio lógico possui enorme relevância para um ensino eficaz conforme se viu até o presente. E as elucubrações do Ph.D. Daniel Goleman referenciam de forma clara, adequada e direcionada o que representa a união da intelectividade com a empatia e emocionalidade no proceder do conhecimento e da ação, tanto para professores, líderes, pais e jovens aprendizes.

O autor preconiza a importância da interação de tais estruturas associativas cerebrais de inteligência emocional, que dá sentido a processos cognitivos voltados a reações emocionais concatenadas com o raciocínio lógico, de forma a equilibrar as dimensões e capacitações psicológicas do ser ao pensar, tomar decisões, aceitar ou não determinadas situações e se embeber de certos conhecimentos, que apenas utilizando a razão, ou somente a emoção, não conseguiria.

É ainda muito mais pertinente para o desenvolvimento humano do que se imagina, pois a inteligência emocional permite àquele que a exercita em si mesmo por meio de introspecção, conscientização e treinamento, possuir uma capacidade impressionante de

aprimoramento no que tange a relacionar-se com outras pessoas. E aí a grande pertinência de se elencar neste artigo a revisão bibliográfica da obra e temas deste autor para subsidiar a necessidade da formação afetiva, relacional e competente ao educador na atualidade.

A inteligência emocional utilizada didaticamente nos processos de ensino-aprendizagem em temas e reflexões possibilita tanto ao docente como a sua clientela escolar heterogênea uma perspectiva muito mais ampla do que apenas a racional no que tange ao observar, pensar, sentir e agir diante de novas proposições temáticas educacionais relacionadas com o cotidiano e a realidade do educando, seja ela qual for.

O professor munido de tais saberes tem condições de ensinar em diferentes dimensões psicológicas e camadas de inteligência impactando seus alunos, ao comprometê-los com valores que demonstrem que não há como viver sem o autoconhecimento e a paixão de dividir o saber, o ser e o sentimento para o próximo, e que na história humana não existe encantamento em apenas sobreviver em prol do consumismo ou entretenimento inócua por si só, comprando e vendendo, sem compreender realmente o meio cultural, geográfico e político em que se vive, bem como sua versatilidade em proporcionar a vida em diversificados níveis e com consequências tão complexas e de magnitude esplêndida na jornada do homem e em suas consequências para a sociedade.

Uma visão da natureza humana que ignora o poder das emoções é lamentavelmente míope. O próprio nome *Homo Sapiens*, a espécie pensante, é enganoso à luz da nova apreciação e opinião do lugar das emoções em nossas vidas que nos oferece hoje a ciência. Como todos sabemos por experiência, quando se trata de modelar nossas decisões e ações, o sentimento conta exatamente o mesmo – e muitas vezes mais – que o pensamento. Fomos longe demais na ênfase do valor e da importância do puramente racional na vida humana. (GOLEMAN, 1995, p.17).

## Analfabetismo emocional

Daniel Goleman aponta em seu amplo vocabulário um fenômeno que denomina de Analfabetismo Emocional, que é justamente a falta, carência ou insuficiência de uma criança, jovem ou adulto em dominar os conhecimentos afetivos, empáticos e reflexivos na arte do relacionamento no contexto da reprodução dos meios de vida em sociedade, atuando comparativamente como um “analfabeto” no campo das emoções.

Para inferir a importância desta estrutura psicológica fulcral no ser humano, é preciso lembrar que, tão importante quanto o famigerado QI - Quociente de Inteligência, no processo educacional, importa também na preparação dos professores, e obviamente na educação formal dos jovens, o QE - Quociente Emocional, que seria o cabedal sincrético e multifacetado de associações intelectuais e emotivas de um ser que, ao agir, tomar decisões e responder a situações, equilibra os saberes cognitivos com os conhecimentos e sentimentos emotivos, a fim de obter resultados satisfatórios em todos os campos do saber e da atuação individual ou coletiva.

Segundo Goleman (1995), apesar de ser comprovadamente imprescindível a preparação educacional formal e informal que aborde e enfatize a fusão do binômio: afetividade emocional / raciocínio lógico, pouco se está fazendo para realmente buscar a efetivação de soluções educacionais para dirimir, mitigar ou extinguir o analfabetismo emocional:

Os educadores há muito perturbados com as notas baixas dos alunos em disciplinas diversas, começam a compreender que existe uma deficiência diferente e mais alarmante: o analfabetismo emocional. E embora se estejam fazendo esforços louváveis para elevar os padrões acadêmicos, essa nova e perturbadora deficiência não está sendo abordada no currículo escolar padrão. (GOLEMAN, 1995, p.247).

Segundo os critérios e parâmetros teórico-metodológicos até aqui apresentados, é desejável nos processos da educação que o

docente oriente o aluno de forma a existir em seus programas e ações um salutar equilíbrio nas estratégias, metodologias, didáticas e intenções ao ministrar aulas, relacionando temas concretos e sua relativização de forma a estimular o aluno a interagir emocionalmente, mas com inteligência, controlando e compreendendo seu *ego*, e, conseqüentemente, seu conhecimento sobre a vida e seus saberes, para poder realmente agir em sociedade, beneficiando-a e compreendendo sua subjetividade, agindo em defesa da democracia em construção neste país, respeitando as diferenças e suprimindo todas as formas de intolerâncias, discriminações e preconceitos, buscando uma cidadania socializável e combatendo a quase onipresente desumanização da sociedade, histórica, econômica e culturalmente construída em quase todas as partes do mundo, e enfaticamente presente também no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É por conta desta indubitável responsabilidade – somatória de árduo treinamento, formação continuada, esforço introspectivo, trabalho pedagógico e humano, autogestão e aprendizado, munidos com uma vocação compromissada socialmente, que o professor pode e deve se diferenciar como educador quanto às contradições socioeconômicas, políticas e culturais da sociedade brasileira na atualidade, e isto por meio de estratégias teórico-metodológicas e práticas pedagógicas engajadas, compromisso político, proatividade, afetividade, empatia, inteligência emocional, capacidade de relacionamento interpessoal e intelectual e ação efetiva nos processos educacionais.

E isto porque o aluno precisa se interessar pelas aulas percebendo sentido nelas, pois tudo na existência do ser precisa fazer sentido. Mas, os jovens da atualidade estão em parte alienados e não enxergam sentido na construção do conhecimento por essa perspectiva; os objetivos da educação

formal, e mesmo a informal em alguns casos, não têm se concretizado conforme se percebe na realidade educacional brasileira, que está focada em aulas tradicionais, exageradamente técnicas, unilaterais, eminentemente expositivas, bem como recursos didáticos precários ou desvinculados com a clientela escolar, e alunos imersos em acrisia, desmotivação e deficiência emotivo-intelectual, muitas vezes egressos de famílias desestruturadas sentimental, social, cultural e economicamente.

Para esse desafio, surge uma meta imprescindível para o docente: possuir novas posturas; ser dinâmico dentro de uma lógica de pesquisa e autorreflexão, se preparar contínua e apaixonadamente com elucubrações, cursos, interações, cotejamentos e um desejável autodidatismo, concatenando todo este bojo de saberes com as estruturas gerais da sociedade atual e, especialmente, da região em que atende sua clientela escolar, a fim de, primeiro possuir o saber holístico e dinâmico, para somente então ter condições de ministrá-lo, e através de perfis psicopedagógicos, auxiliar a seus alunos a não apenas absorverem os conteúdos, mas também a se tornarem críticos, autônomos e reflexivos diante da sociedade que lhes cobrará tudo, mas nem tudo tem a oferecer.

Neste ínterim a escola é, por excelência, um espaço social de contestação, interferência e/ ou conservação da sociedade. É uma porta aberta para o profissional da educação poder zelar pela sociedade que está se formando nos pequenos cidadãos-estudantes e, um espaço educacional propício para se quebrar alguns paradigmas estáticos e clichês monolíticos de estagnação social, econômica e política que estão intrinsecamente ligados ao cotidiano do aluno. Quebrar o desânimo refratário com o apaixonante pensamento complexo e dialético.

Com repertório teórico-metodológico, capacitação conceitual e filosófica, análise introspectiva, caldo moral enriquecido pela formação continuada e cotejamento ininterrupto, o professor comprometido com o

conhecimento político, intelectual e holístico saberá ensinar e estimular a parceria, o relacionamento, a inserção saudável na coletividade e uma socialização salutar para seus alunos. Enfim, para o atendimento dos questionamentos sobre a educação, o professor e sua atuação, pode-se expressar a relevância da autorreflexão, conscientização e contínuo aprimoramento do docente e sua relação de doação para com a educação, a sociedade, seus alunos e a si próprio.

Para tanto as colaborações das teorias dos autores de referência trouxeram corpo e substância para as proposições deste artigo, problematizando os desafios socioeducacionais da atualidade, em que há uma premente necessidade do professor a ser capacitado e saber estruturar e identificar os paradoxos sociais, políticos, econômicos, culturais, religiosos, educacionais, éticos e acadêmicos da sociedade, compreendendo suas atuais limitações e as possibilidades de aprimoramento e reelaborações com intuito de fornecer meios para efetivas análises das desigualdades socioeconômicas e as complexidades político-ideológicas que cerceiam seu cotidiano, provendo com muitíssima clareza tal iluminação ao aluno e, dialogicamente estimulando-o à ação contínua e eficaz em sua vida pessoa, social e profissional.

Efetivamente, a educação globalizante e transformadora expressa anseios que podem ser alcançados gradualmente por meio da absorção de conceitos e práticas de compromisso social, afetividade, respeito e ética, execução de aulas de forma dinâmica, diversificada, atrativa, cativante e competente, e reflexão introspectiva por parte do educador, que deve construir e enxergar a luz do conhecimento e do amor primeiramente em si mesmo, para então encaminhar e ensinar a juventude – que lhe foi legada pela profissão – a uma politização e autonomização social e cidadã, com vistas a se tornar uma sociedade próspera, comprometida e impregnada com os mais profundos valores humanos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação – MEC. **Lei de Diretrizes e Bases - LDB**. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação – Avaliação das condições de ensino. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/Sesu>. Acesso: setembro de 2015.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do Desenvolvimento**. 2.ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 21.ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional – A teoria que define o que é ser inteligente**.

7.ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

\_\_\_\_\_. **Foco – A atenção e seu papel fundamental para o sucesso**. 1.ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso: agosto de 2015.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <http://www.inep.gov.br>. Acesso: setembro de 2015.

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias Cognitivas da Aprendizagem**. 2.ª ed. Curitiba: Ibpex, 2008, p.66-70.

MORIN, Edgar – **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3.ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar**. 1.ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIAGET, Jean. **A Tomada de Consciência**. 3.ª ed. São Paulo: Melhoramentos e Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e Profissionalização Docente**. 4.ª ed. Curitiba: Ibpex, 2010, p.17-147.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 14.ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986, p. 162-168.

VYGOTSKY, Lev Semenovith. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: ed. Martins Fontes, 1988.

WALLON, Henri Paul Hyacinthe. **As origens do caráter da criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995, p. 86-117.

---

O autor declarou não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

---